

Aí vêm eles, marchando para a luz do sol americano. Avançam em grupos de dois, eterno casal, pelo caminho que se avista para além da cerca, no centro-esquerdo do campo. A música arrasta-os através dos relvados, às dúzias, às centenas, demasiados já para se poderem contar. O ajuntamento é tão cerrado, atravessando o vasto círculo dos terrenos anexos, que se dá o efeito de uma metamorfose. De uma série de pares ligados, transformam-se numa onda contínua, cada vez mais grossa, cobrindo de branco e azul-marinho o espaço envolvente.

Observando tudo desde a bancada central, o pai de Karen não pode deixar de pensar que é precisamente essa a questão. Eles formam agora um enorme corpo, uma massa indiferenciada, o que lhe transmite um certo desconforto. Aponta os binóculos para uma rapariga, e outra, e outra ainda. Tantas fileiras, e tão cerradas. Nunca viu nada assim, ou sequer imaginado que fosse possível. O que o trouxe ali não foi o espectáculo, mas este começa a provocar-lhe estupefacção. São agora aos milhares, uma força próxima da de uma divisão militar, e a velha música piegas começa a soar-lhe de um modo sardónico. Maureen, a mulher, está sentada a seu lado. Brillhante e vistosa, hoje, pôs um vestido cor de açúcar para mitigar a tristeza que tem no coração. Rodge entende perfeitamente. Foram avisados em cima da hora. Apanharam um avião, arranjaram quarto, meteram-se no

metro, passaram no detector de metais e aqui estão eles, a tentar compreender. Rodge teve já os seus encontros com o habitual do que se chamam as grandes experiências. Possui um diploma e uma empresa, tem um contabilista, um cardiologista e fundos de pensões, tem um seguro de vida e de saúde. Estará porém a salvo de todos os riscos? Há lá em baixo no relvado uma estranheza que nunca pensara possível ver num campo de jogos. Aquela gente agarra num evento consagrado pelo tempo e repete-o, repete-o, repete-o até que algo de nunca visto aparece no mundo.

Olha para uma rapariga na fila da frente, mais ou menos o vigésimo casal a contar da esquerda. Ajusta a graduação das lentes para a potência máxima, na esperança de lhe descortinar as feições sob o véu de noivado.

Há casais que chegam ainda através do caminho e se acuralam entre a multidão, embora «multidão» não seja a palavra certa. Não sabe bem o que chamar àquilo. Imagina-os sorrindo de modo uniforme, exibindo o rosto que projectam todas as manhãs ao estender a pasta na escova dos dentes. Os noivos em idênticos fatos azuis, as noivas em vestidos de cetim e renda. Maureen lança um olhar em redor à assistência nas bancadas. É fácil perceber quais são os pais e vêem-se também, um pouco por todo o lado, os habituais noveleiros, os mirones ociosos, e outros que parecem cheios de mistério, isolados, de olhar sombrio, vigiando em segredo; vêem-se pessoas que parecem trazer em cima todo o conteúdo dos seus guarda-fatos, inchadas sob camadas de roupa a que faltam peças, nómadas urbanos, mais estranhos para ela do que esses pastores do Sahel que por vezes aparecem nos documentários televisivos. Não se paga para entrar e hordas de rapazes vagueiam pelas imediações, arremessam bombas de carnaval e petardos que projectam no ar vigorosos murros acústicos, fazem rolar ensurdecedoras latas do lixo pelas rampas de cimento, provocando entre a as-

sistência paroxismos de autoprotecção. Maureen concentra-se nos pais e restante família. Algumas das mulheres apresentam-se, de forma comovente, em roupa de domingo e corpete branco, com o olhar mortiço na cara maquilhada. Ela diz a Rodge que há imensa gente a olhar em todas as direcções. Ninguém sabe o que sentir, e por isso olham em redor, à procura de pistas. Rodge continua agarrado aos seus binóculos. Seis mil e quinhentos casais, e a sua filha encontra-se algures lá em baixo, entre eles, prestes a casar com um homem que conheceu há dois dias. Um tipo japonês, ou coreano, Rodge não chegou a perceber, que de inglês sabe mais ou menos oito palavras. Karen e ele conversaram por meio de um intérprete, que os ensinou a dizer Olá, hoje é terça-feira, aqui está o meu passaporte. Quinze minutos num sala vazia, e ei-los acorrentados para a vida toda.

Os seus binóculos deslizam pela multidão, a turba, o movimento, a comunidade, o rebanho, os fiéis. Sentir-se-ia um pouco melhor se conseguisse dar com ela.

«Sabes o que é que isto parece?» diz Maureen.

«Não me desconcentres.»

«Isto parece concebido para levar ao último grau a experiência de constranger parentes.»

«Deixemos as queixas para quando chegarmos ao hotel.»

«Foi só um reparo.»

«Eu não te sugeri que ficasses em casa?»

«Como podia eu faltar? Que desculpa tinha?»

«Vêm-se muitas caras que não parecem americanas. Envia-nos para cá em equipas de missionários. Devem achar que regredimos para a classe dos países subdesenvolvidos. Estão aqui para nos mostrar o caminho e a vida.»

«E fazer bons investimentos. Que tal se fôssemos depois ao teatro?»

«Não me perturbes, está bem? Quero ver se a encontro.»

«Já que cá estamos, podíamos aproveitar.»

«É difícil conceber isto. Treze mil pessoas.»

«E que pretendes fazer, quando a encontrares?»

«Que pergunta é essa? Que queres dizer com isso?»

«Que pretendes fazer quando a encontrares? Acenar-lhe um adeus?»

«Só preciso de saber se ela está ali», disse Rodge. «Quero documentá-lo, percebes?»

«Porque a questão é só uma. Chegou o momento de nos despedirmos dela, se é que não nos tínhamos já despedido.»

«Maureen, ouve. Está calada.»

Do palanque erguido no lugar do batedor, a marcha de Mendelssohn produz ecos em todo o estádio, com notas perdidas fazendo ricochete nos recessos entre as bancadas. Panejamentos e bandeiras por todo o lado. Os casais abençoados encaram o centro do terreno, onde o seu verdadeiro pai, Mestre Moon, se encontra de pé, a três dimensões. Este olha-os das alturas de um púlpito com gradeamento situado em cima de uma plataforma revestida a vermelho e prata. Veste uma túnica de seda branca e traz na cabeça uma coroa alta ornamentada com íris estilizados. Eles conhecem-no a um nível molecular. O Mestre vive dentro deles, semelhante a uma cadeia de matéria, determinando aquilo que são. É um homem de aspecto atarracado, que viu Jesus numa colina. Passou nove anos a rezar e chorou tanto e tão forte que as suas lágrimas formaram charcos que atravessaram o soalho e pingaram no quarto de baixo, infiltrando-se depois nos alicerces da casa até desaparecerem na terra. Os casais sabem que certas coisas ele não as pode transmitir, palavras cujo impacto planetário ninguém suportaria. Sob um aspecto vulgar, na sua tez de bronze polido, ele representa o segredo messiânico. Quando os comunistas o enviaram para um campo de trabalho os outros prisioneiros reconheceram-no, pois haviam tido um sonho que pressagiara a sua chegada. Dava metade da sua comida

aos outros, mas isso nunca o debilitou. Trabalhava dezasse-
te horas por dia nas minas, mas arranjava sempre tempo pa-
ra rezar, para se lavar e para andar de camisa metida por
dentro das calças. Os casais abençoados comem papas de
bebé e usam nomes infantis, tão pequenos se sentem na sua
presença. Têm diante de si um homem que viveu num bar-
raco feito com latas de ração do Exército dos Estados Uni-
dos, e agora ei-lo ao aqui, sob um sol americano, preparan-
do-se para os conduzir ao fim da história humana.

Os noivos trocam votos e anéis, e muito do público está
de pé nas alas de acesso, ou amontoado junto ao gradea-
mento, a tirar fotografias, famílias inteiras disparam ansio-
samente, tentando construir uma resposta ou organizar uma
recordação, neutralizar o acontecimento, esvaziá-lo da sua
estranheza, do seu poder. O Mestre entoa o ritual em corea-
no. Os casais desfilam diante da plataforma e ele borri-
fa-lhes a cabeça com água. Rodge vê pelos binóculos as noi-
vas a levantarem os véus e aproxima, numa pressa, as suas
caras, sentindo ao mesmo tempo uma crescente distância
em relação ao que vê, uma tristeza no espírito. Mas medita
e observa. Quando o Velho Deus abandona o mundo, que
acontece a toda a fé que ficou por gastar? Detém-se em ca-
da um dos rostos, rostos doces, redondos, compridos, erra-
dos, morenos, vulgares. São uma nação, pensa ele, fundada
no princípio da crença fácil. Uma união alimentada pela
credulidade. Falam uma semilíngua, um conjunto de ter-
mos prontos a usar e repetições vazias. Todas as coisas, a
súmula do cognoscível, todas as verdades são reduzidas a
meia dúzia de fórmulas simples, copiadas, memorizadas,
passadas de mão em mão. Eis aqui um drama de mecânica
rotina representado por figuras vivas. Sente-se agredido,
aterrorizado por aquilo que vê, a perda de escala e de inti-
midade, o modo como o amor e o sexo se multiplicam, os
números, a moldada multidão. Isto assusta-o, de facto, uma